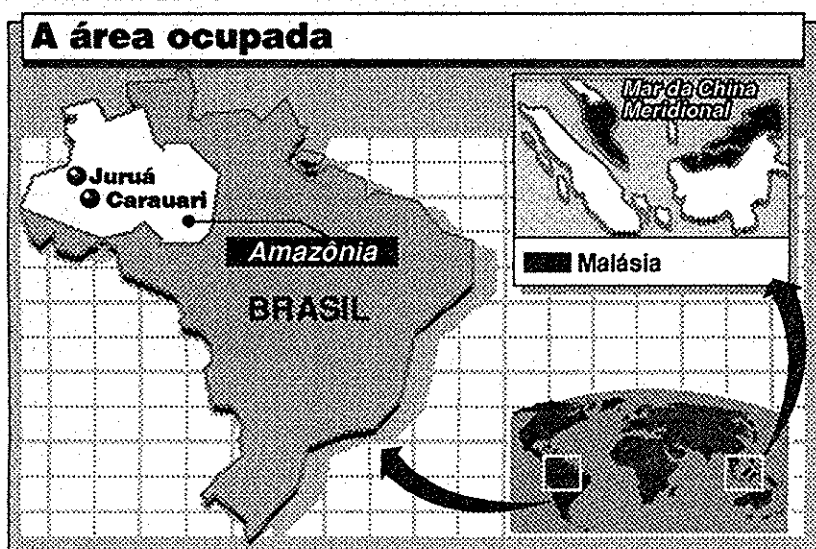


JB  
17/3/96 Pg 8  
203



□ As empresas da Malásia já ocupam uma área equivalente a 1,5 milhão de hectares para explorar a madeira da Amazônia e exportar para a Europa e Estados Unidos

# Malásia toma conta da madeira da Amazônia

■ Em dois meses 3 empresas foram compradas pelos asiáticos

ORLANDO FARIAS

MANAUS — As madeireiras da Amazônia estão passando rapidamente para o controle de empresas da Malásia, país tradicional na produção e exportação de madeira aos países de Primeiro Mundo. Em apenas dois meses, três das seis grandes madeireiras amazônicas — Amplac, Compensa e Moraes Madeiras — foram adquiridas por companhias malásianas, numa aparente ofensiva para assegurar novas e abundantes fontes de matéria-prima, com a exaustão de reservas estratégicas de madeira de lei na Ásia.

O presidente do Sindicato das Indústrias de Laminados do Amazonas, Bruno Voguel, diz que as empresas asiáticas "têm tecnologia e capital de sobra para investir no setor". Ele revela que a operação de compra foi facilitada pelo fato de três grandes madeireiras não estarem funcionando, afetadas atualmente pela retração do mercado internacional e defasagem cambial. Operam atualmente apenas três madeireiras — Ghetal, Carolina e Atlantic, todas de capital de origem alemã.

**Incentivos** — Sem revelar valores, o mais tradicional madeireiro amazônico, Mario Moraes, confirma que firmou uma *joint venture* com uma companhia da Malásia e sua contrapartida foi a entrega de uma área de terra no Rio Jurua, que, pelos dados de Incra, no Amazonas, seria superior a 1,5 milhões de hectares. "Não posso revelar maiores detalhes da operação por causa da

concorrência", diz o empresário, que já foi considerado no passado o maior latifundiário do Amazonas.

Além de terras ricas em madeira de lei e preços que chegam a ser irrisórios diante da cotação do mercado internacional, as madeireiras asiáticas ainda poderão desfrutar de incentivos fiscais da Sudam e Suframa. Prevendo a corrida do ouro pela madeira da Amazônia já há pelo menos um ano, o governo do Amazonas baixou resolução em janeiro último — nº 01196 —, condicionando a concessão de incentivos fiscais às empresas que cumprirem rigorosos programas de manejo.

**Empregos** — O principal investimento da Malásia no Amazonas — a incorporação da terra que pertence ao madeireiro Mário Moraes — está sendo feito pela WTK Organization, no valor de US\$ 100 milhões, no Vale do Juruá. Falando ao **JORNAL DO BRASIL**, Mário Moraes garante que não haverá riscos de danos à Floresta Amazônica. "Será um projeto de manejo auto-sustentado para produzir compensados e laminados", diz Moraes, alardeando que o empreendimento vai gerar de quatro a cinco mil empregos diretos no Vale do Juruá, onde o desemprego é crescente por causa da ruína econômica dos seringais.

O único obstáculo atual para a implantação da WTK Organization (que funcionará com a razão social de Amaplac) é a reivindicação da Funai por 500 mil hectares

de terras, dentro do latifúndio, para transformar em reserva para 300 índios. "A Funai vive atrapalhando o desenvolvimento econômico do Amazonas", protesta o empresário.

A superintendência de Polícia Federal no Amazonas diz que está atenta à corrida das companhias da Malásia pela madeira local. Até agora, pelo menos, diz o superintendente Mauro Spósito, não foi observada nenhuma ilegalidade nas incursões dos grupos econômicos malásianos. "Já notamos um sentimento de desconfiança da sociedade amazônica de que esses investimentos possam vir para destruir a Floresta Amazônica", diz Spósito.

**Preocupantes** — O presidente da Federação das Indústrias do Amazonas, José Nasser, revela que os três grandes investimentos malásianos devem chegar a US\$ 250 milhões — equivalente ao da Volkswagen em Resende, no Rio de Janeiro. Constrangido, Nasser diz que os investimentos são bem-vindos, mas, ao mesmo tempo, preocupantes. "Apenas uma das empresas (a WTK) pretende exportar no próximo ano um volume de 100 milhões de metros cúbicos", ressalta Nasser, lembrando que todas as exportações de madeira atualmente não passam de 350 mil metros cúbicos, ou 0,1% do mercado internacional. Por preocupante o presidente da Federação quer dizer o fato de as madeireiras malásianas terem levado à exaustão as principais reservas de madeira nobre na Ásia.